

5ª Parte

Transcrições

Elegia Setentã: Um Canto de Amor

Paulo de Tarso Pardal

Ensaísta e Ficcionista

Não é por acaso que Artur Eduardo Benevides é considerado um dos grandes poetas da literatura cearense. Desde a década de 40 este poeta vem trabalhando o verso. “Lírico por excelência”, como disse Sânzio de Azevedo, sabe cultivar o antigo – dando-lhe feição contemporânea, como fazem os grandes mestres –, e o moderno – imprimindo-lhe a marca de sua linguagem.

Elegia Setentã... é um livro múltiplo – como todos os demais desse autor –, em que se percebe a estrutura plural dos seus poemas. Aí existe a quadra popular, a redondilha, o soneto, o verso livre. Isso demonstra que Artur Eduardo Benevides conhece as técnicas da feitura do poema e não se deixa intimidar diante dos que pensam que a estrutura metrificada do poema é coisa do passado.

1 Por onde caminha a poesia?

Se os modernistas da primeira fase da literatura brasileira tiveram a coragem de mostrar aos novos leitores que o lirismo pode ter a cara do seu povo, com toda irreverência e destruição tão características daquele momento, os que os sucederam também tiveram a ousadia de mostrar que nem só de destruição vive a poesia.

Todo poeta - seja ele bom ou ruim - tem sua verdade intrínseca e, por isso mesmo, real, diante da qual nada podemos dizer, pois trata-se do ser enquanto indivíduo social que tem direito a um pensamento. Isso, no entanto, não nos autoriza a dizer que um texto, mesmo sendo verdadeiro do ponto de vista desse ser, é poético. Se isso fosse verdade, todos os que se dizem poetas o seriam realmente, e isso, sabemos, não é verdade.

“Não é fácil ser um grande poeta”(1), disse uma vez Ezra Pound. Acho que é nessa dificuldade que vem o engano de alguns que pensam que o soneto, por exemplo, é forma antiga, ultrapassa-

da, e que não se presta mais aos tempos modernos e pós-modernos. Assim como é engano também dizer que só é poeta quem souber fazer um soneto. São dois erros gravíssimos que alguns ainda se dão o direito de cometer.

Se as pessoas que se posicionam de um lado ou do outro tivessem consciência de que a poética antiga e a moderna se fizeram de poemas de versos metrificados e/ou livres; talvez parassem com essa discussão incipiente e preliminar, que a nada leva, a não ser a uma medição de forças sem sentido.

Essa reflexão tem o sentido de mostrar que o poema, seja ele bom ou ruim, é feito por uma dualidade indissociável, fora da qual nem "texto" seria, para utilizarmos um termo técnico da lingüística. O texto, nesse sentido, poderá ser bom ou ruim em qualquer estrutura que apareça, e é aqui que reside a marca do poeta; é aqui que ele se diferencia dos que pensam que são poetas.

Arrumar as palavras em um texto é fácil, desde que o indivíduo saiba as regras da língua. Daí dizer-se que um texto é poesia, somente porque está disposto em versos ou estrofes, vai uma grande distância. Esta é uma discussão que remonta a Aristóteles, diante de cujos pensamentos todos se guiaram, e que perdurará por muito tempo, dado o caráter subjetivo da arte.

A estrutura, enquanto forma, não tem a mínima importância, porque a poesia está além dessa forma exterior - e aqui não temos a intenção de tirar-lhe o valor, mesmo porque em alguns momentos a estrutura é tão importante quanto qualquer outro elemento (exemplo disso é o poema concreto), nem de separarmos a velha questão de forma e fundo.

Queremos dizer com isso, caro leitor, que a poesia, se for realmente poesia, existe em qualquer forma, pois ela precisa de uma estrutura, qualquer que seja ela, para se realizar.

2 O canto do poeta

A literatura é feita de palavras - é linguagem -, e com elas o poeta reelabora o mundo, acrescentando-lhe desenhos novos, que permitem ver o universo do ser sob múltiplos olhares. É através dessas transparências que Artur Eduardo Benevides grava a textura da sua poesia.

Em *Elegia Setentã e outros poemas de entardecer* (1996), o poeta trabalha seus temas preferidos - o tempo, a morte, o amor, a viagem, o mar, o ser.

Desta feita, o que mais impressiona é o toque de amor que é dado a esses temas, embora a dimensão agônica do ser esteja sempre presente. O mundo, ante essa visão, torna-se menos trágico, mesmo o poeta sabendo das suas limitações enquanto ser.

A morte, tema recorrente em toda sua obra, é também, nesse livro, tratada através de vários ângulos.

No livro *Noturnos de Mucuripe...*, indicado para o vestibular de 1997 da UFC, a morte, em alguns momentos, é tratada com humor e ironia, em que o poeta, talvez para exorcizar esse fantasma, em consciência da sua verdade: "Falei tanto em morrer/e morri tanto na vida/ que a morte ficou em dúvida./ Ou em dívida". O jogo de palavras caracteriza o tom de humor desse texto.

Em *Elegia Setentã...*, separei esses versos para mostrar ao leitor que, mesmo tratando da morte, há a diferença da linguagem do poeta: "Quando toquei, talvez aflito,/naquele epitáfio de pedra,/tive a súbita impressão/de haver segurado um grito". Essa quadra bem demonstra a poeticidade da sua linguagem, ou o estranhamento que distingue o poético do não-poético.

Em qualquer das formas, ou estruturas, em que o poeta se expressa, há sempre a diferença da linguagem comum, que a eleva para outro plano - o da poesia. O lirismo, portanto, não é somente aquele que fala das estrelas ou da paixão. O que vai distinguir o texto, realmente, é a sua condição intrínseca, imanente ao próprio texto, e que a temática é somente uma vertente desse texto.

"O tempo é breve e as afeições são poucas./Os cabelos já tomam a cor das despedidas" (de "Os amigos, ao entardecer"); "Um grande amor chegou. Por que morrer? / Por que sentir as cousas terminadas?" (de "Segundo Soneto dos setent'anos"). Nesses versos, como em outros, vemos o poeta diante de sua própria existência efêmera, mas eternizada pelo poder da poesia.

Tempo e poesia, ser e poeta, tudo parece um grande enigma, em que esse ser, sabendo do seu limite, procura tirar desse sortilégio o que a poesia lhe desvenda. Daí talvez, a presença do pensamento

horaciano (*carpe diem*): “(... tentemos viver intensamente/ a doce poesia/ desta hora” (de “Momento”).

A poesia, dessa maneira é luz, é símbolo através do qual o poeta vai sempre se revelar: “Estrelas tendo em mim, sigo a cantar”.

Se esta é a sua condição de ser no mundo em que vive, de nada adianta fugir dessa sina. O poeta, nesse sentido, é o ser estigmatizado que cumpre uma função determinada dentro desse universo, e que pode ter uma voz para ninguém, pois esse é também seu destino: “Um guardador de metáforas e navegações,/a mandar, pelos ventos os meus pobres sermões. / Para quem? Pouco importa: Para qualquer alma que não esteja morta /” Aqui, Artur Eduardo Benevides tem a consciência de uma das funções da arte na sociedade: o ser pode redescobrir-se através da arte. Daí a importância que ela exerceu e exerce, principalmente na sociedade contemporânea, em que esse ser está sendo tratado como objeto de consumo e de estudo. Somente as pessoas que não estão “mortas” é que são capazes de redescobrir o mundo através dos desenhos que a arte proporciona.

A revelação, através da poesia, desvenda outros elementos que estão presentes em *Elegia Setentã*. Um deles, é o que, em alguns momentos, é descoberto pela metapoesia: “(...) E elas (as mulheres) se escondiam / em versos de luz que em metáfora suprema / vem agora ferir as insônias do poema” (3º. canto de “As mulheres...”).

A mulher sempre esteve presente na poética de Artur Eduardo Benevides. Galanteio? Machismo? Hipocrisia? Nada disso! Simplesmente o traço de um poeta que ainda não perdeu a linha do amor. As mulheres, nesse livro, merecem toda uma parte - “as mulheres - flama ao vento - ou o vôo partindo do fundo dos abismos” -, o que vem reafirmar uma decisão temática.

O erótico aparece através de metáforas e símbolos que expressam, além da sensualidade do corpo, o poder do desejo: “E até o mar se contorce, em seus bramidos, / se elas o penetram em vespéral nudez. / E as tardes se engrandecem com a doce palidez / de suas coxas feitas de larvas de vulcões / ou de estrelas que guardam o lume das canções”.

Outros elementos temáticos aparecem, como o mar, o ser, a viagem, os amigos. Não podemos trabalhar todos, dada as limitações desse ensaio.

3 A técnica

Abri esse item somente para dizer aos leitores que nem só de imagens vive o poeta.

Ele, quando opta por poemas de forma fixa, seja ela qual for, tem a extrema responsabilidade de compor versos metrificados e rimados com rigor, e é isso que caracteriza sua técnica. O conhecimento dessas estruturas é que distingue poetas do quilate de Artur Eduardo Benevides.

Somente se compõe um soneto através de exercícios diários que, na maioria das vezes, para quem nunca o exercitou, pode ser traumático dada a complexidade do seu esquema rimático e do seu modelo de versos e estrofes. Quando da composição desse tipo de poema é que percebemos o quanto o poeta é conhecedor das nuances da teoria do verso.

Compondo em versos livres, cujas medidas são arbitrárias, mesmo possuindo rimas ocasionais e internas, Artur Eduardo Benevides mostra sua versatilidade em versos como estes, em que se percebe o tom conceitual do tema: “Só poderão amar/ os que souberem reinventar/ò tempo e o ser/ da luz inicial ao lento escurecer”./ (de “Reinvenção”); ou esses, em que, além do conceitual, a imagem do ser estático, impotente, diante da solidão: “A solidão/ é bailarina imóvel em cima de um tablado”.

Compondo em versos medidos, percebemos o quanto o poeta sabe lidar com os esquemas rimáticos e a acentuação silábica: “Honrei as musas. Fiz do amor a meta/ Que tentei atingir, mesmo pensando./ Se anelos perdi, fiquei lutando/ Para chegar ao alvo, igual à seta”. O primeiro verso, sáfico, acentuação na quarta, oitava e décima sílabas, difere dos demais do quarteto, que são heróicos, acentuação na sexta e décima sílabas. As iniciais maiúsculas, no início de cada verso, mesmo que as regras da língua culta não permitam, têm função de manter uma tradição do soneto clássico.

Muitos exemplos poderiam ser citados, em se tratando de sonetos, cujas particularidades são ricas para estudo.

Além do soneto petrarquiano, aparecem os sonetos ingleses ou shakespearianos, compostos de três quadras e um dístico; ou o soneto de versos alexandrinos, o que demonstra o conhecimento desse poeta da técnica da composição do soneto.

4 E agora, José?

Bem, agora é adquirir os livros, viajar com as imagens e estudar as técnicas do poema.

Artur Eduardo Benevides, do alto dos seus setenta anos, dá-nos lições de poesia e de vida e de técnica.

Velho? Moço? Apaixonado? Lírico? Antigo? Moderno? Talvez tudo isso. Ou, poeta. Simplesmente.